

# TRADUÇÕES



# Defesa e ilustração da abordagem hermenêutica em tradução

Ioana Balacescu<sup>1</sup>

University of Craiova

Bernd Stefanink<sup>2</sup>

Universität Bielefeld/Universitatea Babeş Boliay din Cluj

Tradução de Catarina Frescura Junges<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Durante os últimos cinquenta anos, os Estudos da Tradução foram dominados por abordagens analíticas, vítimas do “mito do objetivismo” e de uma crença ilusória na tradução automática. A tradição hermenêutica viveu uma vida subterrânea. O relativo fracasso da tradução automática levantou questões sobre a validade das abordagens analíticas. Mas o que promoveu um novo interesse em uma abordagem hermenêutica para os estudos de traduções foram os resultados da pesquisa cognitiva que forneceram uma legitimação científica para as descrições da perspectiva heurística das atividades translacionais, tanto mais que essas descrições são confirmadas pelo testemunho de praticantes em tradução. Assim, as pesquisas cognitivistas fornecem a base para o novo critério de avaliação de “Nachvollziehbarkeit intersubjektive” (compreensão intersubjetiva), defendida por Stefanink, em 1997, após a revolução epistemológica da tradutologia.

**Palavras-chave:** hermenêutica; cognitivismo; transformação epistemológica em tradução; “intersubjektive Nachvollziehbarkeit”; formação do tradutor.

## *Defense and illustration of the hermeneutical approach in translation*

**Abstract:** During the last fifty years translation studies have been dominated by analytical approaches, victims of the “myth of objectivism” and an illusory belief in machine translation. The hermeneutic tradition lived an underground life. The relative failure of machine translation has raised questions about the validity of analytical approaches. But what furthered a new interest in an hermeneutic approach to translations studies most were the results of cognitive research which furnished a scientific legitimating to the descriptions from the heuristic perspective of translational activities, the more so as these descriptions are confirmed by the testimony of practitioners in translation. Thus cognitivistic research provides the basis for the new evaluation criterion of “intersubjektive Nachvollziehbarkeit” (intersubjective understanding) exacted by the epistemological revolution as demanded by Stefanink (1997).

**Keywords :** herméneutique; cognitivisme; bouleversement épistémologique en traduction; «intersubjektive Nachvollziehbarkeit»; formation du traducteur.

---

<sup>1</sup> PhD em Traduction: didactique et créativité. (University of Craiova; 2005). E-mail : ioanadi@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor na Universität Bielefeld. Universität Bielefeld/Universitatea Babeş Boliay din Cluj. E-mail : bstefanink@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Letras Bacharelado em Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: catarinajunges@gmail.com

## Defesa e ilustração da abordagem hermenêutica em tradução

A abordagem hermenêutica em tradução não tem a atenção que merece. Por um lado, porque ela está associada à exegese parcial dos textos bíblicos, tal como foi praticada na tradição eclesiástica, e, por outro lado, porque suas bases filosóficas um tanto herméticas renderam-lhe uma reputação de misticismo “pré-científico”.

Erroneamente! Pois o tradutor que sabe se abrir ao discurso hermenêutico sem preconceitos – o que é justamente um dos principais fundamentos da leitura dos textos, como é defendido pela hermenêutica – compreenderá rapidamente que se essa abordagem teórica não lhe fornece um conjunto de regras nitidamente definidas para chegar a uma tradução dita “objetiva” (a qual reivindicam certas abordagens, como a que nos recomendamos, por exemplo, Gerzymisch-Arbogast e Mudersbach 1998, que se declaram as únicas a poder ascender ao status de “ciência”), ela é, por outro lado, a única a construir uma teoria que, embora partindo de uma reflexão teórica, parece descrever a prática diária do tradutor. Em contrapartida, os procedimentos de análise elaborados por Gerzymisch-Arbogast e Mudersbach, como parte de um pedaço protegido da torre de marfim universitária, não levam em consideração as rupturas do tradutor, o que pode ser menos que uma oposição *soucier-cibliste* (as duas almas faustianas que todo tradutor tem dentro de si), que a de sua submissão às restrições de ‘fidelidade’ ao texto fonte (TF), e à de seu “estar na situação”.

## A ilusão da objetividade em tradução

Por muito tempo, os especialistas em tradução se embalaram com a ilusão de poderem chegar a uma tradução “objetiva”. Sob a influência do estruturalismo, os teóricos, que consideraram a palavra como unidade de tradução, pensaram alcançar essa objetividade por meio de uma análise de semas das palavras do TF para encontrar na LA uma ou várias palavras reproduzindo esses semas. Depois do fracasso desses estudos (da máquina de tradução), esses mesmos teóricos estenderam seus campos de pesquisas à sentença, na esperança de alcançar a objetividade, reduzindo a atividade de tradução a certo número de “transposições” em um inventário fechado. Essa era a época da estilística comparada. Com a linguística textual, finalmente compreendemos que não podemos traduzir em busca de equivalências ao nível das microestruturas. O texto inteiro tornou-se a unidade de tradução<sup>4</sup>. Compreendemos que era preciso traduzir o sentido do texto e que

<sup>4</sup> Para os detalhes dessa visão histórica da tradutologia, cf. Balacescu e Stefanink 2001 e 2002.

isto não era simplesmente igual à soma do significado das palavras que o constituem. No mais, descobrimos que havia “leituras plurais” do texto (R. Barthes)<sup>5</sup>, e que isso era uma “obra aberta” (U. Eco). Isso não impediu alguns teóricos, como Gerzymisch-Arbogast/Mudersbach (1998), de persistirem na pesquisa sobre objetividade, submetendo o texto a certo número de etapas analíticas, tudo antes do ato de traduzir propriamente dito, que deveriam permitir o acesso ao sentido.

### **A espiral hermenêutica: processos “bottom up” e “top down”**

Os hermeneutas denunciam tais ilusões concernindo o acesso ao sentido “objetivo” do texto: “O acesso ao sentido do texto não se faz pelo viés da análise” (Stolze 2003: 162). Desse modo, embasando-se nas reflexões de filósofos hermeneutas, como Heidegger ou Gadamer, os tradutólogos hermeneutas sabem que o sentido não está no texto, de uma vez por todas, mas que ele se constrói em um vai-e-vem dialético entre o texto e o receptor. O receptor só pode entender o texto com base em sua experiência pessoal, de seu *world knowledge*. Isso é o que chamamos de “círculo hermenêutico” que, tradicionalmente, sempre foi considerado como um “círculo vicioso”.

Heidegger inovou diante dessa tradição hermenêutica, alegando que esse círculo não possui nada de vicioso, mas, ao contrário, oferece a chance de penetrar mais profundamente a verdade do texto:

O “círculo hermenêutico” não deve ser rebaixado ao nível de um *vitiosum*, mesmo que isso tenha sido tolerado. Ele abriga um potencial positivo de acesso ao conhecimento mais profundo que, entretanto, não poderá ser realmente compreendido até que a interpretação entenda que sua tarefa primária, permanente e última será não deixar seu projeto, sua previsão e sua ação por ideias recebidas, mas para garantir o tema científico a partir da coisa em si (Heidegger 1927/1993: 312; nossa tradução)<sup>6</sup>

A segunda parte dessa citação nos revela umas das condições fundamentais para o acesso ao sentido: o receptor deve estar consciente de sua “facticidade”, (falando em

<sup>5</sup> Cf. também Mavrodin (2001: 110): “A tradução é uma hermenêutica. [...] Para o tradutor hermenêutico, a tradução é uma leitura, entre outras possíveis leituras, você faz parte de uma isotopia, que pode ser essa, mas que também pode ser outra”.

<sup>6</sup> Le « cercle herméneutique » ne doit pas être rabaissé au rang d’un vitiosum fût-il toléré. Il recèle un potentiel positif d’accès à la connaissance la plus profonde qui, toutefois ne pourra être saisi réellement qu’au moment où l’interprétation aura compris que sa tâche première, permanente et ultime sera de ne pas laisser préfigurer son projet, sa prévision et son action par des idées reçues, mais de s’assurer du thème scientifique à partir de la chose elle-même (Heidegger 1927/1993: 312; notre traduction). (nota da tradutora)

termos sartreanos), ou seja, o fato de estar sempre “em evidência” e de que sua visão do texto será sempre condicionada por sua experiência pessoal. O receptor deverá fazer a grande separação entre, de um lado, sua experiência pessoal como base para sua compreensão do sentido e, por outro lado, sua experiência pessoal como deformadora de sua compreensão do texto.

Assim entendido, o círculo hermenêutico se torna uma “espiral hermenêutica”, garantindo uma compreensão cada vez mais adequada à medida que o receptor avança na leitura do texto, sendo as palavras o estímulo que ativa certas vias neuronais no receptor, criadas por experiências similares registradas na sua memória. É a similaridade entre as experiências já vividas e a informação potencial disponibilizada nas palavras do texto que permitem a compreensão do texto em razão do processo de categorização geral subjacente a toda compreensão humana, como aprendemos com os cognitivistas (Lakoff, 1988). Assim, à medida que o receptor avança na leitura do texto, uma escolha cada vez mais limitada e precisa acontece ao nível das esferas neuronais ativas em função das isotopias do texto, que emergem com maior precisão.

As descobertas dos cognitivistas vêm, assim, confirmar as hipóteses dos hermenutas. Onde Gadamer fala de um “diálogo com o texto”, os cognitivistas falam, mais prosaicamente, de processos de *bottom-up* e *top-down*. A grande dificuldade entre essas duas correntes de pensamento encontra-se na atitude do receptor. Para os cognitivistas, o receptor participa ativamente do ato de compreensão, ele “gerencia” a linguagem (cf. o termo de “*Sprachverarbeitung*”, utilizado, por ex., em Rickheit e Strohner 1993). Para os hermenutas, o receptor é passivo: a verdade do texto se impõe irresistivelmente a ele, desde que ele consiga gerenciar conscientemente os *scripts*, *esquemas* (para utilizar a terminologia dos cognitivistas), ou simplesmente as *expectativas* com as quais ele irá abordar o texto, e que podem tornar-se um obstáculo à sua abertura à verdade do texto se ele não tiver consciência disso.

### **A “fusão de horizontes” no tradutor hermeneuta**

Retomando a concepção gadameriana do ato de compreensão como um diálogo com o texto, que leva finalmente a uma “fusão de horizontes” (“*Horizont-verschmelzung*”), na qual o personagem do receptor e a verdade do texto tornam-se um, os tradutores hermenutas não mais concebem o tradutor como um intermediário “entre” o TF e o TA, mas sim como um hermeneuta com consciência de que o TF e o TA se fundem. O tradutor não é mais, então, um “barqueiro” que faz a passagem/transformação do sentido

do TF para o TA<sup>7</sup>. Acaba também a pesquisa de “equivalências” ao nível de microestruturas. A passagem do TF ao TA se faz de modo intuitivo: o tradutor/receptor do TF é “pego” pela verdade do TF, que se impõe a ele com tal violência<sup>8</sup> que gera um impulso que expõe o texto alvo “em um processo mental parcialmente inconsciente” (Stolze 2013: 211), passando o sentido do “envelope” da LF para a LA.

Escutemos um praticante da tradução poética, que certamente não será suspeito de ter escrito essas frases para as necessidades do caso, ou seja, para provar um ponto de vista teórico, como exposto pela tradutóloga Stolze, já que ele inicia seu artigo declarando orgulhosamente: “*Não tenho teoria e muito menos receto sobre tradução*” (Coco 2003: 132)<sup>9</sup>, e cita Newmark em apoio: “*Não existe, e nunca existirá, uma ciência da tradução*” (Coco 2003: 133)<sup>10</sup>. E, no entanto, como Sr. Jourdain, ele é inconscientemente dependente da abordagem hermenêutica, que parece argumentar pela característica natural e prática dessa abordagem:

Ou sou uma mistura de espanhol e italiano. É um jogo sem fim! No final, acabo ficando confortável Mesmo porque não me lembro mais se é uma tradução do italiano para o espanhol ou vice-versa. Ou se alguma vez existiu tal tradução! (Coco 2003: 147)<sup>11</sup>

A “fusão de horizontes” postulada pela teoria de Gadamer não foi perfeitamente demonstrada na prática desse tradutor?

A semântica fillmoreana de “*scenes-and-frames*” nos ajuda a entender esse processo. Fillmore (1976) considera as palavras como “*linguistic frames*”, que dão origem às “*cognitive scenes*”. Cabe ao tradutor encontrar os “*frames*” linguísticos nos quais ele poderá colher as “*scenes*” presentes no seu espírito. Para os hermenutas, não se trata nem

---

<sup>7</sup> Cf. o título das mixagens oferecidas a K. Reiß pelo seu 70º aniversário: Traducere Navem, onde o significado é considerado um navio que é passado de uma costa para outra, de um idioma para outro.

<sup>8</sup> N.B. : Stolze (2003) usa o termo *Überwältigtsein* do tradutor para a verdade do texto. Esta palavra que, de acordo com os contextos, pode significar “ser vencido”, “ser subjogado” tem a mesma raiz que *Vergewaltigung*, que significa “violação”, e pode-se dizer que o tradutor é de alguma forma violada pela verdade do TS, no reverso da imagem de violação usada por Jean-René LADMIRAL (1993) para quem é o tradutor que viola o texto fonte. A mesma idéia da violação do texto pelo tradutor no “impulso hermenêutico” de George Steiner (1975).

<sup>9</sup> “Io non possiedo teorie et tanto meno ricette sul tradurre (Coco 2003: 132). (Nota da tradutora).

<sup>10</sup> “Non esiste, né mai esisterà, una scienza della traduzione” (Coco 2003: 133). (Nota da tradutora).

<sup>11</sup> “O sono un misto di spagnolo e di italiano. È un gioco infinito ! Alla fine finisco per confodermi io. Stesso perché non ricordo più se si tratta di una traduzione dall’italiano in spagnolo o viceversa. O se tale traduzione ci sia mai stata !” (Coco 2003: 147). (Nota da tradutora)

mesmo um esforço consciente por parte do tradutor, mas sim uma pressão exercida pela verdade do TF que impõe imperativamente as palavras do TA. Heidegger nos fornece os fundamentos filosóficos em sua ontologia: “São as palavras que chegam aos significados, e não os significados que chegam às palavras”.

### **“O querer dizer do autor” versus o caráter inacabado da tradução e plausibilidade intersubjetiva**

O fato de que o sentido assim traduzido é sempre em função da vivência pessoal do receptor/tradutor tem como consequência ser ilusório acreditar que se pode alcançar a objetividade em tradução, ou mesmo encontrar o “querer dizer do autor” (como o recomenda, por exemplo, a Escola de Paris, cf. Lederer 1994). O tradutor deve traduzir “o que ele entende” (Stolze 2003: 155), ou seja, “o que está mentalmente presente nele” (id. Ibid. 248). No entanto, ele não desfruta de uma liberdade incontrolável, como defendido, por exemplo, por representantes da “*Manipulation School*”, que afirmam que, de qualquer forma, toda tradução já é uma “manipulação” do TF, tornando vã qualquer esperança de acessar uma tradução objetiva e, finalmente, reduzindo os critérios de avaliação à única afirmação do tradutor de que sua tradução é realmente uma tradução, qualquer que seja a importância das “manipulações” às quais ele submeteu o TF.

O tradutor hermeneuta, por sua vez, deve submeter seu primeiro impulso intuitivo de LA a uma avaliação, suscetível de legitimar sua tradução. Essa avaliação deve ser plausível para outros, a “plausibilidade intersubjetiva” vem substituir a objetividade como critério de avaliação (cf. o conceito de “*intersubjektive Nachvollziehbarkeit*”, introduzido por Stefanink, 1997). A plausibilidade intersubjetiva deve ser garantida pela observação de certo número de regras em conformidade com a concepção hermenêutica de uma linguística do texto, como a concebida por Eugenio Coseriu:

Isso significa que o conteúdo, uma vez entendido, deve estar vinculado a um elemento textual preciso, que deve mostrar que o significado do macro-signo no texto corresponde a uma determinada expressão. Desse ponto de vista a linguística do texto, como aqui é entendida/compreendida, é interpretação, é hermenêutica. (Coseriu 1980: 151, nossa tradução)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Ceci veut dire que le contenu une fois compris doit être mis en rapport avec un élément textuel précis, qu'on doit montrer qu'au signifié du macro-signe dans le texte correspond une certaine expression. De ce point de vue la linguistique du texte, telle qu'elle est comprise ici, est interprétation, est herméneutique. (Coseriu 1980: 151, notre traduction). (Nota da tradutora)

O “outro” é, neste caso, o especialista em tradução (Risku 1998: 88ss.), este que pode ser o próprio autor. Neste último caso, o processo de avaliação pode se tornar automático e se manifestar nas modificações feitas diretamente no TA (Stolze 2003: 240). Essas modificações podem continuar infinitamente, porque de acordo com sua crescente empatia com o texto, o receptor também participa mais de perto da verdade do texto. O texto, de fato, sempre tem um “potencial de excedente de significado” (« *Sinnüberschuss* » Stolze 2003: 73), que faz com que cada leitura – incluindo a do próprio autor – produza cada vez um novo sentido. É o que a teórica romana da poïétique, Irina Mavrodin, demonstrou através da tríade *poïétique* – *poétique* – “*poïétique*”, sendo a *poïétique* o ato criador, a *poétique* a obra criada e a “*poïétique*” o novo ato criador pelo receptor do texto criado. Esse processo de compreensão nunca termina; Stolze (2003: 222) fala da “*Unabschließbarkeit des tentativen Entwurfs*”. As bases filosóficas desse processo são fornecidas pela ontologia heideggeriana, que diz que a compreensão não é mais um método para se apropriar de um sentido *estrangeiro*, mas que compreender é criar um sentido (*Sinnstiftung*), ideia que é adotada por Gadamer:

Não é ocasionalmente, mas sempre que o sentido de um texto excede seu autor. É por isso que compreender não é somente um comportamento reprodutivo, mas sempre também um comportamento produtivo. (Gadamer 1960: 280; nossa tradução)<sup>13</sup>

## O aspecto lúdico da atividade tradutória

A compreensão do texto, assim como sua produção, é feita no modo de jogo. É impressionante constatar a qual ponto essa ideia do sentido que se cria pelo jogo é encontrada em diversas abordagens teóricas recentes. A praticante e teórica da tradução Irina Mavrodin sempre volta ao aspecto lúdico de sua prática da tradução. Assim, depois de relatar as frustrações às quais se expõe o tradutor na relação com a sua editora, Malvrodin (2001:118) evoca o “contrapeso redentor” da “dimensão lúdica”, o “jogo com as palavras”, chegando mesmo a constatar que sua atividade de tradutora desenvolveu seu lado lúdico e, portanto, sua criatividade, sem a qual a tradução é impossível:

Em toda – digamos – profissão, da língua, da fala, a criatividade *sine qua non* da qual falamos, meu lado lúdico se desenvolveu através da

<sup>13</sup> Ce n'est pas occasionnellement, mais toujours que le sens d'un texte dépasse son auteur. C'est pour cela que comprendre n'est pas seulement un comportement reproductif, mais toujours aussi un comportement productif (Gadamer 1960: 280 ; notre traduction). (Nota da tradutora)



tradução: ele não foi aniquilado, muito pelo contrário. Quando eu escolho uma palavra, tenho a sensação de que estou me jogando em um abismo. Eu jogo, ou arrisco ou tenho gosto por essa palavra. (Mavrodin 2001:119)<sup>14</sup>

Da mesma forma, Fritz Paepcke, tradutor e fundador da Escola de Heidelberg, compara a busca pela “solução feliz” de um problema de tradução a um jogo de futebol, no qual os jogadores fazem passes entre si em frente ao gol adversário, até que um deles, após um passe bem colocado pelo centro, encontre a abertura na defesa adversária para marcar o gol. A importância que Paepcke dá ao aspecto lúdico que a atividade da tradução implica para ele se reflete até no título de seu tratado sobre tradutologia, *Ouvertures sur la traduction* (“Aberturas sobre a tradução”) (Paepcke 1981), em que *aberturas* – fora do sentido contextual do título – faz alusão à cena do jogo de futebol evocado acima. Alguns anos depois, ele formularia categoricamente: “O modo como os textos são feitos e traduzidos é o mesmo do jogo” (Paepcke 1986: 126; nossa tradução)<sup>15</sup>. Aqui, novamente, a autoria dessas ideias remonta aos filósofos: assim, para Wittgenstein, compreender é possível graças a participação no *Sprachspiel* (= jogo da linguagem), concepção que é retomada por Gadamer em *Wahrheit und Method* (1960:101 ss.).

Os pesquisadores em criatividade vieram confirmar suas hipóteses, confirmando até no título alemão do livro sobre a criatividade de Bono, intitulado *Lateral Thinking*, que foi traduzido por *Spielerisches Denken* (literalmente: o pensamento lúdico). Quanto ao tradutólogo, Kußmaul (2000) forneceu a prova empírica da importância deste espírito lúdico por meio de suas análises conversacionais de tradutores confrontados com problemas de tradução: a solução para esse problema veio durante uma atividade paralela do tipo lúdica (virar a fita cassete de gravação do debate, preparação de uma xícara de café etc.), enquanto o pensamento “convergente” para falar com o pesquisador em criatividade Guilford (1971) (de Bono fala de pensamento “horizontal”) é abandonado em favor de um pensamento “divergente” / “lateral”, que “brinca” vislumbrar o problema sob outras perspectivas. Ao contrário dos filósofos hermeneutas, no entanto, que insistem no caráter natural e espontâneo deste jogo, os pesquisadores em criatividade, cognitivistas usam esse jogo para transformá-lo em uma ferramenta de solução de problemas.

<sup>14</sup> « Dans tout ce – disons – métier, de la langue, de la parole, la créativité sine qua non dont nous avons parlé, mon côté ludique s’est développé à travers la traduction : il n’a pas été annihilé, tout au contraire. Quand je choisis un mot, j’ai la sensation que je me jette dans un abîme. Je joue ou je risque ou j’ai le goût de ce mot. » (Mavrodin 2001: 119) (nota da tradutora)

<sup>15</sup> « Le mode sur lequel sont fabriqués les textes et leur traduction est celui du jeu » (Paepcke 1986: 126 ; notre traduction) (nota da tradutora)

O testemunho dado pelo praticante, tradutor de poesia, Emilio Gioco do que os pesquisadores de criatividade chamariam de fase de incubação confirma essas observações de Kußmaul:

Brinco com palavras, assim como a criança brinca com brinquedos. E muitas vezes me surpreendo, em vários momentos do dia (enquanto como, enquanto ajudo minha esposa nos afazeres domésticos, mesmo quando estou descansando), contando sílabas com os dedos, batendo na mesa, no braço da poltrona. estou tirando a poeira, ou nas minhas coxas, peito, rosto. (Game 2003: 137;<sup>16</sup> nossa tradução)

### Um jogo com as memórias

Depois de ter aceitado a ideia wittgensteiniana de *Sprachspiel* e de ter compreendido *o que* estamos jogando (a saber, a descoberta da verdade do texto), devemos nos perguntar *com o que* estamos jogando. E, aqui, a reflexão cognitivista nos é de grande ajuda. Ela nos ensina, de fato, que compreendemos apenas de acordo com o que nossa memória registrou. Os pesquisadores em memória, como Schank (1982), nos ensinaram que as experiências vividas – nossas memórias de qualquer tipo – são armazenadas, entre outros, na forma de MOPs (*Memory Organisation Packages*), ou seja, na forma de elementos cênicos vividos que fazem parte de cenas maiores, e que são ligados uns aos outros por vias neuronais, mais ou menos bem desenvolvidos de acordo com a frequência de experiências vividas em questão. Essas vias neuronais são ativadas por estímulos – os *frames* linguísticos no sentido fillmoreiano do termo – que são as palavras do texto, as quais evocam na memória ativa os elementos cênicos armazenados na memória longa<sup>17</sup>, nas lembranças.

### Quais consequências para a formação dos tradutores?

Em uma de suas entrevistas, Irina Mavrodin (2001: 123) disse “que seria uma pena partir sem transmitir os diferentes pequenos segredos, truques, artifícios que [ela] tanto precisava quando começou a traduzir”<sup>18</sup>. Tirar lições de sua prática, extrair dela uma

<sup>16</sup> “Io gioco con le parole, così come il bambino gioca con i giocattoli. E spesso mi sorprendo, nei vari momenti della giornata (mentre mangio, mentre aiuto mia moglie nei lavori domestici, persino quando sto riposando), a contare sillabe con le dita, tamburellando sul tavolo, sul bracciolo della poltrona a cui sto togliendo la polvere, o sulle mie cosce, sul petto, sulla faccia.” (Gioco 2003: 137) (nota da tradutora)

<sup>17</sup> Para uma apresentação mais detalhada, consulte Balacescu e Stefanink 2003.

<sup>18</sup> « qu’il serait dommage de partir sans transmettre les différents petits secrets, trucs, artifices dont [elle] a eu grand besoin quand [elle] a commencé à traduire » (nota da tradutora)

reflexão teórica e querer deduzir um ensinamento é, de fato, um processo bastante natural para qualquer especialista em um campo. O que nos oferecem, então, os hermeneutas em matéria de didática da tradução?

À primeira vista e comparada a outras teorias, a hipótese hermenêutica não fornece um “kit” didático muito concreto, se comparada às ferramentas disponibilizadas pela linguística estruturalista, a linguística pragmática ou a linguística textual. Na perspectiva estruturalista, a tarefa do didático da tradução foi, de fato, nitidamente formulada: bastava aprender a analisar em traços distintos as palavras do TF e encontrar uma ou mais palavras suscetíveis de apresentá-las em LA. Eugene Nida não se permitiu afirmar que “O que pretendemos é uma reprodução fiel dos pacotes de características componenciais”<sup>19</sup> (1974: 50)<sup>20</sup>. Da mesma forma, em um nível superior, a pragmática nos ensinou, por um lado, a existência de atos de fala e a consideração da situação da comunicação o que permitiu, uma vez a situação de comunicação analisada, encontrar em LA os equivalentes culturais legitimados objetivamente por análises contrastivas (cf. Hönig e Kußmaul 1982). Por outro lado, a estilística comparativa que também tomou a sentença como unidade de tradução, nos ensinou que bastava tomar consciência do conceito de “transposição” e de adaptar os diferentes tipos de transposição – colocados em evidência por Vinay/Darbelnet (1958) em nível geral – para as línguas envolvidas, como o fez, por exemplo, Bausch (1968) para o alemão e Cristea (1998) para o romeno. Os linguistas do texto finalmente, em sua manifestação extrema, como encontramos em Gerzymisch-Arbogast et Mudersbach (1998), pretendiam ir além de todas essas abordagens micro estruturais para ensinar uma abordagem “científica” que deveria levar a uma tradução objetiva. Essa abordagem consistiu em uma análise exaustiva do TF em diferentes aspectos. Essa análise teve que ser feita no contexto de uma rede associativa acionada pelos elementos centrais do TF. A partir da análise contrastiva entre essa rede e a rede virtual correspondente em LA, emergiram as transposições culturais a serem feitas. Essa “análise do texto relevante para o tradutor” deve ocorrer imperativamente antes de qualquer tentativa, mesmo parcial, de traduzir.<sup>21</sup>

O erro de todas essas abordagens é o fato de não ser levada em consideração a pessoa do tradutor. Este possui uma experiência pessoal que, como vimos, apresenta um

<sup>19</sup> “What we do aim at is a faithful reproduction of the bundles of componential features” (1974: 50) (nota da tradutora)

<sup>20</sup> Onze anos depois, Nida se distancia dessa visão de tradução, centrada na palavra: “We are no longer limited to the idea that meaning is centered in words or even in grammatical distinctions. Everything in language, from sound symbolism to complex rhetorical structures, carries meaning” (Nida: 1985: 119)

<sup>21</sup> Para mais detalhes, consulte o Q.C. de Stefanink (1998).

papel importante na compreensão do sentido (a ser traduzido). Também, na abordagem hermenêutica, o imperativo didático que tem precedência sobre tudo é **conscientizar** essa implicação da pessoa do tradutor e sua **facticidade** que influencia sua recepção do texto. Um segundo elemento importante na formação do tradutor hermeneuta é o **aumento de sua base associativa** pelas leituras de todos os tipos, para as quais nos convida Stolze (2003: 307), na qual é amplamente apoiado por cognitivistas que argumentam fortemente a favor de uma cultura geral, adquirida pela leitura (Risku 1998: 163). A outra maneira de adquirir uma ampla base associativa necessária para a compreensão do texto é a pesquisa sistemática com o objetivo de aprofundar o conhecimento relativo ao assunto do texto a ser traduzido, o que será notavelmente o caso dos textos em língua de especialidades. O ensino de **métodos de pesquisa** que visam ampliar essa base associativa específica em relação com a especificidade do texto a ser traduzido será o terceiro objetivo didático recomendado na abordagem hermenêutica.

Como podemos ver, estamos longe dos “pequenos segredos, truques, artifícios” citados no início desse capítulo. Devemos negligenciá-los? Não, o tradutor precisa acionar tudo, e essa é a soma de todas as suas contribuições – a conscientização da estrutura sêmica das palavras, da noção de situação e dos “atos de fala” a ela relacionados, as transposições de estilística comparativa, de análise textual da linguística do texto, bem como das bases filosóficas e cognitivas que condicionam o indivíduo tradutor – o que lhe permitirá entregar uma tradução satisfatória tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da forma.

## REFERÊNCIAS

- BALACESCU, I. & STEFANINK, B. (2005). Défense et illustration de l’approche herméneutique en traduction. *Meta*, 50 (2), 634-642.
- BALACESCU, Ioana et B. Stefanink (2001): «Une traductologie au service de la didactique: l’école allemande au sein de la famille traductologique, 1ère partie», *Le langage et l’homme. Traductologie – Textologie* 36, p. 89-104.
- BALACESCU, Ioana et B. Stefanink (2002): «Une traductologie au service de la didactique: l’école allemande au sein de la famille traductologique, 2e partie», *Le langage et l’homme. Traductologie – Textologie*, 37-1, p. 155-176.
- BALACESCU, Ioana et B. Stefanink (2003): «Du structuralisme au cognitivisme: la créativité au fil des théories de la traduction», *Le langage et l’homme. Traductologie – Textologie, Sciences du langage* 38-1 p. 125-145.
- BAUSCH, K-R. (1968): «Die Transposition. Versuch einer neuen Klassifikation», *Linguistica Antverpiensia II/1968*, p. 29-50.
- BONO, E. de (1970): *Lateral Thinking. A Textbook of Creativity*. London, Ward Lock Educational.

- COCO, E. (2003): «Alcune precisazioni e riflessioni», dans Thiers (éd.), 2003, p. 130-153. Cose-riu, E. (1980): *Textlinguistik. Eine Einführung*. Hrsg. und bearb. v. J. Albrecht, Tübingen, Narr.
- CRISTEA, T. (1998): *Stratégies de la traduction*, Bucuresti, Editura Fundatiei «România de mâine».
- FILMORE, C. J. (1976): «Scenes-and-Frames Semantics», in *Linguistic Structures Processing*. (dir.). Antonio Zampolli, Amsterdam: N. Holland, p. 55-88.
- GADAMER, H.-G. (1960): *Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik* 5. Aufl. 1986, Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck).
- GERZYMISCH-ARBOGAST, H. and MUDERBASCH, Klaus (1998): *Methoden des wissenschaftlichen Übersetzens*, Tübingen: Francke (UTB 1990).
- GUILFORD, J. P. (1971): *The Nature of Human Intelligence*, London: McGraw-Hill.
- HEIDEGGER, Martin (1927/199317): *Sein und Zeit*. Tübingen: Niemeyer.
- HÖNIG, H. and KUSSMAUL, P. (1982): *Strategie der Übersetzung*. Tübingen: Narr. Kußmaul, P. (2000): *Kreatives Übersetzen*. Tübingen, Stauffenburg.
- LADMIRAL, J.-R. (1993): «Sourciers et ciblistes», *Holz-Mänttari / C. Nord: Traducere Navem*. Festschrift für Katharina Reiß. Tampere: *studies translologica*, ser. A vol 3.
- LAKOFF, G. (1987): *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago, University of Chicago Press.
- LEDERER, M. (1994): *La traduction aujourd'hui*, Paris, Hachette.
- MAVRODIN, I. (2001): *Cvadratura cercului*, Bucuresti, Editura Eminescu.
- MEDNICK, S. A. (1962): «The Associative Basis of the Creative Process», *Psychological Review*, 69, p. 220-232.
- NIDA, E. (1974): «Semantic Structure and Translating», p. 50, W.Wilss/G.Thome: *Aspekte der theoretischen sprachbezogenen und angewandten Uebersetzungswissenschaft II*, Heidelberg: Groos.
- NIDA, E. (1985): «Translating Means Translating Meaning – A Sociosemiotic Approach to Translating», Bühler.
- PAEPCKE, F. and Forget, P. (1981): *Textverstehen und Uebersetzen. Ouvertures sur la Traduction*. Heidelberg: Groos.
- PAEPCKE, F. (1986): *Im Übersetzen leben. Übersetzen und Textvergleich*. Hrsg. von Klaus Berger und Hans-Michael Speier, Heidelberg Winter.
- RICKHEIT, G. and STROHNER, H.(1993): *Grundlagen der kognitiven Sprachverarbeitung. Modelle, Methoden, Ergebnis*, Tübingen : Francke.
- RISKU, H. (1998): *Translatorische Kompetenz: kognitive Grundlagen des Übersetzens als Expertentätigkeit*, Tübingen, Stauffenburg.
- SCHANK, R. C. (1982): *Dynamic Memory. A Theory of Reminding and Learning in Computers and People*, London/New York, Cambridge University Press.
- STEFANINK, B. (1996): c.-r. de Heidrun Gerzymisch-Arbogast.
- STEFANINK, B. (1997): «“Esprit de finesse” – “Esprit de géométrie”: Das Verhältnis von “Intuition” und “übersetzerrelevanter Textanalyse” beim Übersetzen», dans Rudi Keller (éd.): *Linguistik und Literaturübersetzen*. Tübingen, Narr 1997, p. 161-184.

STEFANINK, B. (1998): c.-r. de Gerzymisch-Arbogast and Mudersbach, *FluL*, 27, p. 245-248.

STEINER, G. (1975): *After Babel: Aspects of Language and Translation*, London, Oxford and New York, Oxford University Press.

STOLZE, Radegundis (2003): *Hermeneutik und Translation*, Tübingen, Narr.

THIERS, G. (éd.) (2003): *Baratti. Commentaires et réflexions sur la traduction de la poésie*, coll. «Isule Literarie. Des îles littéraires», Albiana – Bu – Ccu – Itm.

VINAY, J.-P. et Darbelnet, J. (1958): *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Méthode de traduction*, Paris, Didier